



A gente não assiste televisão. Será mesmo?: uma reflexão sobre o ensino de telejornalismo para nativos digitais¹

Iluska Coutinho, Universidade Federal de Juiz de Fora²

Resumo: Principal forma de acesso à informação no Brasil segundo dados da última Pesquisa Brasileira de Mídia realizada (PBM 2016), a televisão mantém sua centralidade como espaço de circulação jornalística também de acordo com o relatório *Digital News Report* assinado pela Reuters, maior agência de notícias do mundo. Conforme o documento, ainda é por meio da televisão que 55% da população brasileira se informa (REUTERS, 2022). A relevância do telejornalismo como forma de conhecimento está inscrita no título do primeiro volume da série *Jornalismo Audiovisual*, publicado pela Insular em parceria com a TeleJor, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo: “O Brasil (é)ditado”(PORCELLO; VIZEU & COUTINHO, 2012). Mas se os telejornais foram conceituados por Alfredo Vizeu como um lugar de referência, para os discentes de Jornalismo da segunda década do século XXI a exposição aos conteúdos televisivos, sobretudo aqueles veiculados por meio da TV aberta, seria coisa do passado. Mas será mesmo?

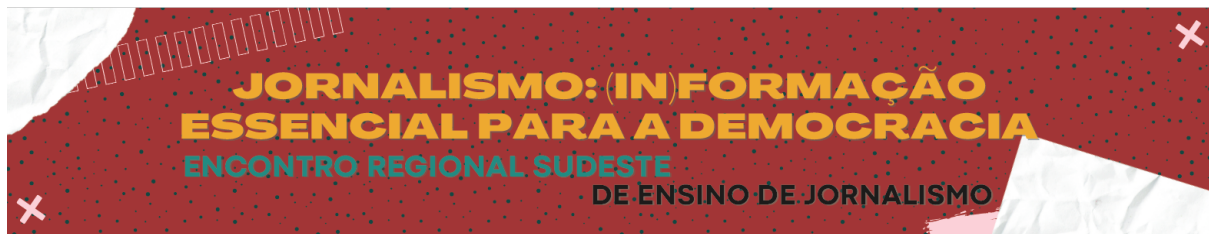
A proposta do artigo é refletir sobre o ensino de telejornalismo para os chamados nativos digitais que em sala de aula inicialmente não se identificam como telespectadores. Em um mundo em conexão, em que a convergência parece ser pressuposto das relações cotidianas, também no ensino superior, o ensino de telejornalismo na atualidade enfrenta a necessidade de uma formação para o planejamento, produção e circulação de materialidades audiovisuais em diferentes suportes e lógicas midiáticas.

Pesquisadoras como Emerim e Cavenaghi (ano), Finger (2017), Coutinho (2018) entendem o telejornalismo como jornalismo para telas, ou seja, como a produção de informação de interesse público acessada por meio de múltiplos dispositivos. Apesar desse entendimento ser considerado pacífico entre os investigadores do tema, é necessário refletir sobre os desafios da formação para o exercício profissional no cenário contemporâneo. As materialidades audiovisuais jornalísticas são experimentadas em mídias de oferta (broadcast), mas também em mídias de demanda (redes sociais, plataformas), sendo necessário refletir sobre estratégias de ensino-aprendizado também diversas.

Além da necessidade de produção reflexiva sobre o tema, com geração de material bibliográfico inclusive, é preciso tensionar aspectos sobre a dimensão (não)compartilhada de

¹ Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2022 de Ensino de Jornalismo - GP Produção Científica

² Jornalista e professora titular da Facom-UFJF, coordena o grupo de pesquisa NJA - Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. iluska.coutinho@ufjf.br



experiências audiovisuais entre docentes e discentes. Tal reflexão, contudo, precisa considerar as circulações de conteúdo televisivo também em mídias sociais digitais, com (re)edições de telejornais e outros produtos de jornalismo audiovisual.

Palavras-chave: Telejornalismo; Ensino; Formação Profissional; Televisão; Telas.

Referências:

- COUTINHO, I. Para fazer um telejornal predileto e inclusivo. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Intercom, 2018.
- EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 14 nº 2. Florianópolis, 2017.
- FINGER, C. O telejornalismo agora está no Facebook: uma narrativa da reportagem de televisão para as redes sociais. Anais do XL INTERCOM. Curitiba: INTERCOM, 2017. p. 1-15.
- PORCELLO, F; VIZEU, A. & COUTINHO, I. O Brasil (é)ditado. Florianópolis: Insular, 2012.